

**Sobre Bordwell, David. *Sobre a história do estilo cinematográfico*.
Campinas: Editora da Unicamp, 2013, 368 pp., ISBN: 978852681021.**

por Milena Leite Paiva*



Para os estudiosos interessados na compreensão das diferentes teorias que norteiam a tradição de pesquisa investigativa da estilística cinematográfica, o livro *Sobre a história do estilo cinematográfico*, de David Bordwell, é leitura obrigatória. Com apresentação brasileira do Prof. Fernão Ramos, a obra traça um panorama dos principais programas de pesquisa que se lançaram sobre o referido campo de estudo, detalhando as suas particularidades conceituais e empíricas, em convergência com a

história do cinema do século XX, desde as primeiras pesquisas entusiastas da estética do cinema mudo até os programas mais recentes.

De linguagem simples e fluida, a tessitura textual de Bordwell expõe um intenso trabalho de pesquisa e levantamento de dados, com a descrição crítica de obras fundamentais da história do cinema e o mapeamento de um amplo repertório iconográfico da cinematografia mundial. David Bordwell é considerado um dos principais teóricos e historiadores do cinema dos Estados Unidos e a sua produção contempla diferentes temáticas da teoria cinematográfica, com estudos referenciais na área de autoria e *mise en scène*. *Sobre a história do estilo cinematográfico* apresenta uma densa sistematização de teorias e concepções técnicas acerca da historiografia do estilo, analisada

sob o olhar questionador do autor, que, ao se debruçar sobre a vasta produção bibliográfica referencial, aponta problematizações pertinentes.

O livro é estruturado em seis capítulos, sendo que, no primeiro, Bordwell se dedica a dissertar sobre os principais conceitos e questionamentos que fomentam a elaboração de uma historiografia do estilo cinematográfico, inserindo o leitor no contexto teórico abordado na obra: “No sentido mais estrito, considero o estilo um uso sistemático e significativo das técnicas da mídia cinema em um filme. (...) minimamente, é a textura das imagens e dos sons do filme, o resultado das escolhas feitas pelo(s) cineasta(s) em circunstâncias históricas específicas” (17). Segundo o autor, a análise do estilo aponta que determinados padrões estilísticos são recorrentes em diferentes filmes, de variados períodos históricos, enquanto outros padrões são simplesmente subtraídos. Com base nisso, os historiadores do estilo cinematográfico se propõem a responder quais padrões de continuidade e de mudança estilística são significativos na história do cinema e como esses padrões poderiam ser explicados. Seguindo esta perspectiva, os três capítulos seguintes apresentam uma análise dos principais programas de pesquisa que, na tentativa de sistematizar uma história do cinema, se ocuparam da análise fílmica no século XX.

No segundo capítulo, o autor descreve a chamada “Versão-Padrão” da história estilística, a perspectiva histórica do cinema clássico que exerceu forte influência na análise fílmica até meados do século passado. O autor se fundamenta na abordagem proposta no livro *Histoire du Cinéma* (1935), publicado por Robert Brasillach e Maurice Bardèche, na qual os autores franceses sintetizam o pensamento dos primeiros analistas do cinema e criam uma história do estilo que consagra a estética do cinema mudo como o acme do desenvolvimento da linguagem cinematográfica. A obra defende que, com o surgimento do cinema sonoro, a linguagem fílmica entra em decadência e, por fim, em estagnação. Influenciados pelos movimentos artísticos de vanguarda

do início do século, estes analistas consideravam que a essência da linguagem cinematográfica seria a estilização imagética, rejeitando radicalmente a narrativa realista.

Já no terceiro capítulo, Bordwell se apoia na crítica cinematográfica do pós-guerra, a *nouvelle critique* e, sobretudo, nos ensaios do crítico francês André Bazin para definir o que denominou de “Versão Dialética” da história. Nessa abordagem, os críticos contestam os escritos de Brasillach e Bardèche, e defendem o potencial realista do cinema sonoro como um avanço da linguagem cinematográfica. Para Bazin, a essência do cinema estaria no realismo da imagem fotográfica e a concepção fílmica se pautaria na dialética visual entre imagem e realidade. O crítico rejeitava veementemente a estilização estética do cinema mudo, valorizava a decupagem clássica e a linguagem “invisível” do cinema industrial de Hollywood e, influenciado pela estética de *Cidadão Kane* (Orson Welles, 1941) e dos filmes neorrealistas italianos, via o uso da profundidade de campo, do movimento de câmera e da tomada longa como uma evolução do realismo narrativo cinematográfico. A concepção teórica de Bazin marcou toda uma geração de críticos e jovens cinéfilos franceses e, inclusive, influenciou os críticos da revista *Cahiers du Cinéma*, entre eles François Truffaut, Jean-Luc Godard e Eric Rohmer, a criarem a chamada “política dos autores”.

No quarto capítulo, o autor discorre sobre a chamada “Versão Opositorista” do desenvolvimento do estilo, que tem como fundamento o programa de pesquisa criado pelo teórico Noël Burch no contexto do surgimento das vanguardas estéticas da década de 1960. Burch sistematiza a sua versão da história do estilo cinematográfico a partir de uma análise fílmica focada na oposição dialética entre o cinema de vanguarda e o cinema narrativo dominante. Nessa perspectiva, os filmes modernistas são considerados “desconstrutivos” da linguagem padrão porque se caracterizam por uma estética dialeticamente construída no propósito da criação de ilusionismo e

simultaneamente de explicitação dos meios de produção. Para o teórico, na seleção de filmes considerados modernistas se encaixariam não somente os filmes vanguardistas dos anos 1960, mas também o cinema “primitivo” do início do século XX e o cinema japonês.

Todos os programas de pesquisa descritos são sistematicamente analisados e questionados por David Bordwell, que aponta problemas de estruturação teórica em cada um deles e também indica elementos em comum entre os três. Em contraposição a essas versões da história, nos capítulos seguintes Bordwell detém-se na descrição das pesquisas contemporâneas focadas na historiografia do estilo que investiram em uma revisão crítica da história padrão e propuseram novas perspectivas de estudo e análise, desmontando mitos e abordagens lugares comum da historiografia clássica e moderna. “[...] a historiografia revisionista se desenvolveu em um contexto dominado por teorias abrangentes do cinema. Desde os anos 1970, o encontro da pesquisa revisionista com o que poderíamos denominar Grande Teoria teve importantes consequências para o estudo do estilo” (194). Ao leitor de *Sobre a história do estilo cinematográfico* cabe a possibilidade de acompanhar a desconstrução de versões da história do cinema amplamente aceitas e adotadas e que, até hoje, representam uma diretriz para alguns teóricos.

Para finalizar, David Bordwell desenvolve uma análise da encenação em profundidade em obras que considera representativas da história do estilo cinematográfico e, para tanto, foge dos cânones difundidos pelos programas de pesquisa padrão, seguindo a sua opção metodológica pela oposição à “Grande Teoria”. Para Fernão Ramos: “Em *Sobre a história do estilo cinematográfico*, Bordwell revela-se um analista fílmico perspicaz. Alguém que sabe olhar para a imagem situando-a no contexto de sua época, ao mesmo tempo em que leva em consideração o conjunto de elementos estéticos que a conformam” (12).

* Milena Leite Paiva é graduada em Desenho Industrial – Programação Visual pela Universidade do Estado da Bahia e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em

Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP. Atualmente desenvolve uma pesquisa focada na relação entre Direção de Arte e *mise en scène* na construção de visualidades fílmicas e televisiva.